

CONFERÊNCIA

ALGUNS ASPECTOS DA POPULAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO (*).

INTRODUÇÃO

A cidade de São Paulo, no momento a maior cidade do Brasil em população absoluta, já se alinha entre as chamadas “grandes Metrôpoles” mundiais, com um número de habitantes que se aproxima dos 3 milhões (1). Esta posição de primazia, alcançada por São Paulo, no que diz respeito ao seu número de habitantes, data de bem pouco tempo, pois, somente na década de 1930 alcançaria o seu primeiro milhão de almas; até então, embora a segunda cidade brasileira, ela se situava bem abaixo do Rio de Janeiro, conforme os censos dêste século nos mostram.

De fato, se compararmos a posição de ambas as cidades, no que se refere à população, pelos censos havidos no século XX, teremos:

	São Paulo	Crescimento		
		Rio	São Paulo	Rio
1900	239.820	691.565	100	100
1920	579.033	1.157.873	241	167
1940	1.337.644	1.781.567	557	257
1950	2.198.096	2.377.451	916	343
1954	2.817.600	2.684.240	1.175	388

(*) — Conferência pronunciada em dezembro de 1955 na *Sociedade de Estudos Históricos* e baseada numa tese apresentada na X Assembléia da A.G.B., em Garanhuns (*Nota da Redação*).

(1) — Pelo recenseamento de 1950 a população paulistana somava 2.198.096 habitantes, para o município; se tomarmos porém, a população da “Grande São Paulo”, teremos 2.563.215.

Entretanto, já em meados de 1954, a população de São Paulo alcançava 2.817.600 habitantes, segundo os estudos feitos pelo Prof. João Carlos de Almeida, do Departamento Estadual de Estatística.

Por êstes dados podemos ver perfeitamente, a partir do início do século XX, o grau de crescimento demográfico de São Paulo, comparado com o do Rio de Janeiro. Representando apenas 37,5% da população total carioca no ano de 1900, a população paulistana de meados do século quase igualava o número de habitantes (92,4) da Capital brasileira, ultrapassando-a mesmo, no ano do seu IV Centenário (2).

Ora, êsse crescimento assim tão brusco de uma cidade que até o último quartel do século XIX, como que modorrava numa lenta evolução e ainda com aspectos coloniais, é algo que espanta à primeira vista ao observador menos avisado.

Até 1872, a então “cidadesinha de São Paulo” pouco ou quase nada representava no conjunto das cidades brasileiras, inferior a quase uma dezena delas, pois se colocava em 10.º lugar, vindo abaixo do Rio, Salvador, Recife, Belém, Niterói, Pôrto Alegre, Fortaleza, Cuiabá e São Luís; a Capital Paulista não mostrava no censo de 1872 o que seria um quarto de século depois, quando, já ocupando o 2.º lugar entre as grandes cidades do país, estava francamente num período de progresso que, ininterruptamente, vem se fazendo sentir até nossos dias. Como um dos índices marcantes dêste progresso tem sido o crescimento vertiginoso da sua população, bem como a variedade dos seus tipos humanos, acudiu-nos a idéia de, com a ajuda de dados dos últimos censos havidos na cidade (1934, 1940 e 1950), e com o que já fôra feito sôbre o assunto, para compor um capítulo de um trabalho de equipe (3) sôbre a cidade de São Paulo, trazer nossa contribuição modesta à *Revista de História*.

Nesta contribuição, procuramos ressaltar as razões explicativas do vertiginoso progresso demográfico paulistano nos primeiros 50 anos do século XX, bem como tentamos distribuir a população da cidade de acôrdo com as suas áreas de maior ou menor densidade, com base nos censos de 1940 e 1950; também esboçamos algo a respeito dos tipos humanos que compõem os dois milhões e pouco que vivem em São Paulo.

*

* * *

(2). — Vimos que pelos cálculos do Departamento Estadual de Estatística, a população da Capital Paulista em 1954 seria de 2.817.600 habitantes, um pouco superior já ao total da população da Capital Brasileira, que seria de 2.684.240, segundo os cálculos do laboratório de Estatística do I.B.G.E — até julho de 1954.

(3). — O Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e a Secção Paulista da A.G.B., vêm de fazer um trabalho de equipe, sob a direção do Prof. Aroldo de Azevedo, sôbre A Cidade de São Paulo, e cujos originais estão prestes a ir para o prelo.

O CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO PAULISTANA DE FINS DO SÉCULO PASSADO ATE' 1950.

Até meados do século passado pouco representaria para o Brasil, e até mesmo para a Província da qual era simples capital administrativa, a cidade de São Paulo.

Pela sua pequena população; pelo seu aspecto acanhado, com suas vielas estreitas, seu casario baixo, quase todo empoleirado ainda na colina central; pelo seu comércio incipiente, exercendo uma única função — a *político-administrativa*, a São Paulo da década de 1850 em pouco diferia da cidadezinha colonial que fôra por todo o primeiro Reinado. Salvo a Faculdade de Direito, criada em 1872, e que lhe iria dar aquêles aspectos tão característicos de “Cidade de estudantes”, e daí a sua função cultural a partir dos primeiros anos do segundo Reinado, nada mais denunciava o futuro tão promissor e tão próximo que a cidade iria possuir.

Plantada no planalto piratiningano, São Paulo continuava a sofrer os mesmos obstáculos que a natureza lhe oferecera durante 300 anos, e que a tornavam meio separada do resto da Província, e mais ainda, de todo o Brasil. Dificilmente ligada ao litoral, embora Santos lhe estivesse a apenas 65 quilômetros de distância; sem ter recebido os bafejos das terras auríferas, que os seus filhos descobriram no século anterior; sem áreas agrícolas produtivas nos seus arredores, desde que os seus solos, num raio de 60 quilômetros, são dos mais pobres; sem rendas na Província da qual era capital, a São Paulo de meados do século passado não poderia mesmo representar qualquer papel mais relevante do que aquêle que até então representara; o de uma simples sede de govêrno, de uma Província que principiava a sair da sua obscuridade econômica.

Sòmente na década de 1870, São Paulo começaria a reagir contra aquêles obstáculos já citados, ao mesmo tempo que aproveitaria alguns fatores vantajosos que a natureza lhe oferecia. De fato, embora situada numa área geográfica especial, que facilitava tôda a ligação entre os vários trechos do planalto e o mar, sòmente depois de vencida a escarpa da Serra do Mar, à custa da ferrovia, foi que a capital paulista principiou a comandar todo o movimento comercial da Província; e isto porque, desde 1867, os trilhos da São Paulo Railway a colocaram em ligação com Santos e Jundiá. Ao principiar o desempêno da sua terceira função — a comercial — São Paulo tinha diante de si um futuro mais que promissor, desde que, de há alguns anos já, fazendeiros de café estavam cultivando essa riqueza nas então áreas pioneiras de Campinas, Rio Claro, Mogí-Mirim, etc. E o café, que já era a maior riqueza da Província, mas no vale do Paraíba, passaria para as chamadas regiões novas, tôdas ao norte e noroeste da região paulista-

na. As estradas de ferro que acompanhariam a marcha da lavoura cafeeira, acabariam por entroncar-se em São Paulo, de maneira a tornar essa cidade no maior centro irradiador de comunicações do país. Café e ferrovias; nó de comunicações e verdadeira bôca de funíl por onde se escoariam as riquezas exportáveis da Província, e, concomitantemente, se receberiam as que fôsem importadas, dariam à capital paulista, a partir daquela década memorável, uma outra história (4). Daí o já se haver dito, e com muita razão, ser aquêlê período o da “segunda fundação de São Paulo” (5).

Tais foram as modificações que a cidade passou a sofrer de então para cá; tal o aumento do número de suas funções e da sua própria importância como sede de govêrno, que a sua modesta população passaria a crescer com rapidez cada vez maior, à medida que se aproximava o findar do século. Para se ter idéia dêsse crescimento, basta lembrar que possuindo em 1872, 31.385 habitantes para o município, mas apenas 19.347 para a cidade pròpriamente dita, em 1886 a população paulistana passava a ser de 47.697 habitantes, dos quais 38.997 para a zona urbana, o dôbro portanto, em apenas 14 anos (6).

Êsse crescimento tomaria vulto com o findar do século, de maneira a fazer com que a cidade de São Paulo, que acusara em 1890 64.934 habitantes, passasse a 239.820 em 1900; em 10 anos, mais de 3 vêzes a população anterior (7). Êste salto assim tão brusco se evidencia melhor, se computarmos também para a mesma época o aumento da população do Estado; em 1872, a então Província de São Paulo possuía 837.354 habitantes dos quais apenas 3,74% viviam no município da capital. Em 1890, o já Estado de São Paulo aumentara a sua população para 1.384.753, enquanto a sua capital, ainda que dobrando o seu número de habitantes (64.934), não conseguira mais que 4,69% daquele total do Estado. Mas, uma década depois, no terceiro recenseamento realizado no Brasil, a capital paulista não só passaria a ocupar um lugar de destaque entre as grandes cidades brasileiras como também, pela primeira vez na sua história, possuiria mais de dez por cento do total da população do Estado de São Paulo: 239.820 habitantes, ou sejam, 10,51% da população paulista. E' o primeiro grande impulso que ela irá

(4). — Silva Bruno (Ernani), *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, págs. 47 — “Em fins do século passado as indústrias e o comércio de maquinismos para as fazendas de café começaram a marcar densamente a paisagem paulistana”.

(5). — Simões de Paula (E.), *Contribuição monográfica para o estudo da segunda fundação de São Paulo*. São Paulo, 1936. Artigo reestampado nesta *Revista de História*, n.º 17 (1954), págs. 167-179.

(6). — No ano de 1872 nove cidades eram superiores a São Paulo pela população: Rio, Salvador, Recife, Belém, Niterói, Pôrto Alegre, Fortaleza, Cuiabá, São Luís. Mas, 18 anos depois, em 1890, a nossa capital se colocaria em 4.º lugar, ultrapassada apenas pelo Rio, por Salvador e pelo Recife.

(7). — Êste salto colocou-a no 2.º lugar entre as cidades do país, ela que era, 28 anos antes, a 10a.!

ter, impulso que não mais deixará de possuir; pelo contrário, irá somente aumentando, por todo o decorrer dos últimos cinquenta anos, conforme nos mostram os dados estatísticos, de maneira que, em 1950, São Paulo possuiria 24,06% dos 9.134.423 de paulistas.

Se na década de 1870 a cidade tomou pé para se transformar no grande empório comercial que hoje é, nos últimos anos do século XIX ela assentaria as primeiras bases da sua verdadeira grandeza, a do “Surto Industrial”, cuja eclosão se daria de fato, nos primeiros anos do nosso século.

Solidificada a sua função como *empório comercial*, à custa da lavoura cafeeira; transformada, a partir dos últimos anos do Império, em cidade residencial de grande número de fazendeiros, então enriquecidos com essa “nova mina”, agora produzindo no próprio território dos paulistas (8); aumentada a importância de sua função como capital político-administrativa de um Estado em franco desenvolvimento econômico-financeiro; com sua função cultural em plena ascensão, agora não mais representada apenas pela sua de há muito célebre Academia de Direito, mas também por outros Estabelecimentos de Ensino (9) e por Associações Científicas; São Paulo passou a atrair, para dentro dos seus limites urbanos, parte das correntes imigratórias estrangeiras, que, de há alguns anos já, estavam sendo encaminhadas para o interior do Estado. Quer desembarcando diretamente na própria capital; quer fazendo um pequeno estágio nas fazendas, e mesmo nas cidadezinhas do interior, então em franco progresso, os imigrantes procuravam, em número cada vez maior, a nossa cidade, transformada num como que “eldorado” para as populações de fora. E’ que nela o surto-industrial, nascente nos últimos anos do século anterior, ampliava-se cada vez mais, especialmente depois que passou a contar com a energia elétrica em abundância.

Se esta fonte de energia foi um fator capital para o progresso da indústria paulistana, como muito bem assinalou Pierre Monbeig, contudo, não podemos esquecer o papel representado pelo imigrante estrangeiro, naqueles primeiros tempos da *função fabril* que São Paulo passaria a juntar às suas anteriores atribuições. E falando do imigrante estrangeiro que, como operário ou patrão, contribuiu para a transformação de São Paulo, na metrópole industrial dos nossos dias, vêm-nos logo à mente os italianos, os verdadeiros “pioneiros” nesse setor da vida paulistana. Tal foi a sua influência, que a São Paulo das primeiras décadas do século “é uma cidade italia-

(8). — Monbeig, (Pierre), *La Croissance de La Ville de São Paulo*, pág. 27.

(9). — Politécnica, Mackenzie, Escola Normal da Capital, Ginásio do Estado.

na” (10), onde uma boa parte da sua vida gravita em tórno dos filhos da Península Itálica. Infelizmente, não nos foi possível obter dados sôbre o número de imigrantes estrangeiros entrados na cidade a partir de fins do século XIX, desde que era impossível o contrôle para as autoridades, mas, pelo que se conhece de então (pouco mais de meio século), em conversa com pessoas da época, ou mesmo no que se escrevia sôbre o assunto, em jornais e nalguns livros de viajantes e até de geógrafos, pode-se fazer idéia do papel que a nossa cidade representou, como centro receptor de imigrantes, diretamente do estrangeiro, e distribuidor dos mesmos, para as áreas cafeeiras do interior paulista. Diz Pierre Denis (11):

“São Paulo não é sômente um mercado de produtos, mas também um imenso mercado de homens. E’ em grande o que são em pequena escala as populosas cidades da Sicilia ou de Pouilles donde os operários reunidos na praça ao principio de cada semana são contratados pelos proprietários durante o dia. E’ São Paulo que distribui pelas diversas regiões cafeeiras a onda dos imigrantes, e é em São Paulo também que se reúnem os operários que deixaram as fazendas onde estiveram empregados e que procuram novo amo. Nem todos voltam às plantações; muitos fixam-se na cidade. Levam às suas indústrias nascentes a oferta de uma mão de obra barata. Graças à sua presença, São Paulo tornou-se, há alguns anos, um grande centro industrial, cuja prosperidade tem resistido à crise cafeeira”.

Pelo seu número, pela sua tenacidade no trabalho, pelo seu espírito criador e econômico, enfim, pela vontade de progredir, o italiano não apenas transformou, mas criou bairros novos na crescente São Paulo de 1900, onde a sua influência era um fato. Que o digam os aspectos então existentes nos bairros do Bexiga, da Barra Funda, do Brás, da Mooca, do Bom Retiro, onde o linguajar característico dos seus habitantes, por muito tempo guardou sinais daquela influência.

Sôbre aquêlê primeiro surto industrial que, sob a influência dos italianos, perdurou por quase 30 anos (1890-1920), nada temos que acrescentar, além do que já está escrito. Lembraremos apenas que o aumento da população, cujos dados já foram vistos, foi ao mesmo tempo, causa e efeito do aparecimento daquela quarta função desempenhada pela cidade de São Paulo; se por um lado, foram os primeiros imigrantes aqui radicados os verdadeiros criadores das bases do parque industrial paulistano; por outro lado, foram aquelas primeiras indústrias, um chamariz para outras populações estrangeiras, e depois, para as próprias populações nacionais.

(10). — Alfredo Moreira Pinto, *A Cidade de São Paulo em 1900*. Impressões de Viagem.

(11). — *O Brasil no século XX*, pág. 146.

Os recenseamentos do século atual mostram muito bem o que tem sido o aumento da população paulistana nesses últimos 30 anos, à custa, particularmente, do surto industrial, cada vez maior.

Outras causas apareceram, além das *industrial e comercial*, para explicar o aumento sempre vertiginoso da população de São Paulo; tôdas porém, entrosadas àquelas duas primeiras, direta ou indiretamente. *São Paulo empório comercial, São Paulo centro industrial*, são indiscutivelmente, os fatores básicos do aumento de sua população. População que, a partir da década de 1890, não mais teria aquêles aspectos mostrados nos recenseamentos de 1872 e de 1886. Se em relação à cor, continuaria a ser predominantemente branca, ao contrário de outros grandes centros urbanos do país (12), com relação à nacionalidade, ela, que fôra até fins do Império, eminentemente brasileira, seria, a partir daquela época, uma cidade cosmopolita, onde a princípio dominavam os latinos, com os italianos em primeiro lugar, e depois outros povos, particularmente os sírio-libaneses, armênios, bálticos, eslavos e nos últimos tempos, japoneses e judeus (13).

E' verdade porém que, entre os três últimos recenseamentos (1934-1940-1950), além da diminuição da entrada de estrangeiros, São Paulo conheceu a maior corrida para o seu município, de elementos nacionais, provenientes não só do interior do Estado, como também de outros Estados da Federação, especialmente Minas Gerais, Bahia e Estados nordestinos.

As dificuldades reinantes entre as duas *grandes guerras* no que respeita ao problema imigratório (problemas das cotas nos países novos e o do nacionalismo nos países facistas), causaram a diminuição da entrada de estrangeiros, diretamente oriundos dos seus respectivos países; mas, embora em menor número, a nossa cidade não os deixou de receber, imigrantes vindos que eram das várias zonas do Estado.

*

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO PAULISTANA.

Possuindo o Município de São Paulo 1570 kms² de área, e uma população de 2.198.096 habitantes, a densidade por km² será de 1.400 pessoas. Na realidade porém, êsse número não representa a verdade, pois, a população se distribui de modo muito irregular, pe-

(12). — Os casos das cidades do Rio de Janeiro, do Salvador e do Recife, onde a população negra, ou mestiça de negra (mulatos), constitui número elevado, contrastam com o de São Paulo, onde, mesmo na época da escravidão, o número de negros e mulatos era relativamente pequeno, conforme veremos.

(13). — Veremos na 2a. parte do trabalho, os dados relativos a cada população estrangeira existente em São Paulo, a partir de 1920.

la maioria dos distritos e sub-distritos que compõem o município da Capital.

E' assim que, se tomarmos daquele total de 2.198.096, somente a população que compõe o chamado "Distrito de São Paulo", teremos uma densidade muito maior que a encontrada para o município, desde que tenhamos em mente os seguintes dados: com uma área de 933,9 kms², aquêlê Distrito tem uma população de 2.116.721 pessoas, o que lhe dá uma densidade de 2.266 habitantes por km². Esta densidade do "Distrito de São Paulo", bem mais elevada que a de todo o Município, se tornará maior ainda, se tirarmos do citado Distrito alguns sub-distritos, que se destacam apenas pela superfície, conforme nos revelam os seguintes dados:

SUB-DISTRITOS	AREA	POPULAÇÃO TOTAL
1) Socôrro	148,6 kms ²	7.742 habitantes
2) Santo Amaro	93,0 "	40.115 "
3) Osasco	63,6 "	43.427 "
4) Pirituba	54,1 "	27.281 "
5) Ibirapuera	37,9 "	27.390 "
	397,2 kms ²	145.955 habitantes

Possuindo mais de 1/3, ou exatamente 42,5% da área total do Distrito de São Paulo, êsse conjunto de sub-distritos não alcança 1/10 da sua população (exatamente 6,8%), o que faz com que a densidade desça para 367, no referido conjunto. Sem êsses 5 sub-distritos, que muito representam em área, mas pouco em população, o "Distrito de São Paulo" passaria a possuir 3.946 habitantes por km² ao invés de 2.266.

Mesmo assim, a distribuição da população paulistana, tomada na sua quase totalidade, ainda não estaria representando a verdade, pois, números os mais díspares são os representados, não somente pelos 7 Distritos da Capital Paulista, como particularmente pelos seus 40 sub-distritos, conforme a tabela anexa, para o ano de 1950, de acôrdo com o censo oficial.

Por essa tabela vemos a superioridade absoluta do Distrito de São Paulo, possuidor de menos de 2/3 da área total, mas, com mais de 4/5 da população, enquanto que os demais 6 Distritos reunidos, com mais de 1/3 da superfície, não têm além de 1/27 da população, ou mais exatamente:

Distrito de São Paulo — 61,1% da área total, e 96,2% da população do Município.

Demais Distritos — 38,9% da área total, e 3,8% da população.

Se compararmos agora as respectivas densidades, veremos que elas se apresentam bem díspares: para o Distrito de São Paulo já vimos que ela é de 2.266 habitantes por km², mas os outros 6 Distritos não a apresentam com mais de 143 habitantes por km². É flagrante a diferença de densidade entre os Distritos que ficam na periferia do Município da Capital, e o Distrito de São Paulo, que constituiria o que poderíamos chamar de "Zona urbana" propriamente dita. Porém, mesmo dentro desta "Zona urbana", as diferenças são enormes, o que vem, mais uma vez, mostrar a irregular distribuição da população paulistana, o que aliás, melhor que as palavras, o mapa para 1950 confirma perfeitamente.

Se existem Distritos com menos de 100 habitantes por km² (Parelheiros, Jaraguá), enquanto outros possuem mais de 2.000, como os de São Paulo, serão nos sub-distritos onde iremos encontrar as diferenças maiores ainda. Pela tabela anexa n.º 1; vemos perfeitamente essas diferenças; enquanto alguns possuem mais de 15.000 habitantes por km², outros existem que não alcançam 1.000. É claro que estes últimos, e já o vimos um pouco antes (Socorro, Santo Amaro, Osasco, Pirituba, Ibirapuera), com suas áreas enormes, não poderiam ser, à primeira vista, comparados com a maioria dos demais; mas, mesmo que os coloquemos na mesma situação de área com os outros, ainda assim a sua inferioridade é patente. Por exemplo: tomemos por base a área de 4,4 kms², que constitui a média das áreas dos 20 sub-distritos menores, e vejamos qual seria a densidade daqueles já citados 5 sub-distritos: Socorro — 1.759; Santo Amaro — 9.117; Osasco — 9.869; Pirituba — 6.200; Ibirapuera — 6.225. Ora, nenhum deles alcançaria 10.000 habitantes por km², estando pois abaixo de 11 sub-distritos.

Analisando agora a tabela n.º 1 somente em função das densidades, podemos dizer:

1º). — São os Sub-distritos que estão na periferia do centro da cidade (Sé), os que apresentam maior densidade de população, isto é, Brás, Bela Vista, Liberdade, Santa Ifigênia; aí, o casario operário, grudado um ao outro, os cortiços, casas de comodos, porões, antigos casarões transformados em moradias coletivas, além dos recém-construídos prédios de apartamentos, constituem a explicação primeira, para um tão grande número de habitantes. Lembremos ainda que a proximidade, não só do centro comercial por excelência, mas onde fica também a maioria das repartições públicas, e também das áreas fabris da Mooca, Brás, Pará e Barra Funda, explicam, outrossim, aquela densidade elevada, num trecho que, à primeira vista, nada tem de residencial. Se compararmos

porém as densidades de 1950 com as de 1940, nos 4 citados Sub-distritos da periferia do centro, veremos que houve uma diminuição nos 10 anos que as medeiam, explicável não só pela expansão do centro pròpriamente dito, onde, a começar pela Sé, que viu diminuir sua população, observamos a penetração da área comercial pela Liberdade, Santa Ifigênia e Brás, bem como o desaparecimento de quarteirões, substituídos por praças novas (Clovis Beviláqua, João Mendes).

2.º). — À medida que nos afastamos da periferia do Centro, para os bairros nitidamente residenciais, as densidades vão diminuindo; mesmo assim porém, elas continuam altas para alguns casos. Naturalmente, nos casos da Mooca, Barra Funda, Belensinho, as altas densidades se explicam, pelo fato de serem tais sub-distritos, além de residenciais, também industriais; as moradias operárias aí existem em abundância, e como sói acontecer, são quase tôdas, ligadas umas às outras.

3.º). — Já para os casos da Aclimação e de Cerqueira César, áreas nitidamente residenciais, a explicação estaria, de um lado, na pequena superfície de ambos, a exemplo das áreas que circundam o centro, e que, levantaria assim, a média de densidade; e de outro, o fato de serem tais sub-distritos, bairros de classe média, onde os palacetes isolados são em minoria, cabendo assim a primasia aos sobrados geminados, muito em voga nas zonas em apreço.

Todos êsses 11 sub-distritos abordados, têm, conforme vimos pela tabela anexa n.º 1, densidades superiores a 10.000 habitantes por km², e como que formam um cerrado cinturão ao redor da Sé, velho centro comercial da cidade, e por isso mesmo, com uma densidade menor (8.620 por km²) e ainda assim, mais à custa da sua minúscula área (1,1 km²), a menor das que compõem os sub-distritos.

4.º). — As únicas excessões são dadas pelos casos da Consolação e do Bom Retiro, ambos com áreas também pequenas, mas, com menos de 10.000 habitantes por km²; também na periferia do centro (Consolação está mesmo limitando com a Sé), êstes dois sub-distritos possuiriam então uma densidade menor pelas razões seguintes: na Consolação, a existência da artéria principal, como rua nitidamente comercial, bem como de áreas relativamente grandes, ocupadas por estabelecimentos de ensino (Grupo Escolar São Paulo, Mackenzie College, Colégio Visconde de São Leopoldo, Des Oiseaux, Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae"), por hospitais públicos (Santa Casa) e particulares, por cemitérios e caixa d'água, além de trecho do Pacaembú. Já para o Bom Retiro, além das

ruas comerciais (José Paulino, dos Italianos, etc.), também estabelecimentos de ensino (Faculdade de Farmácia e Odontologia, Escola Politécnica, Colégios Secundários), Liceu de Artes e Ofícios, praças públicas (Jardim da Luz), quartéis, e as várzeas dos rios Tietê e Tamanduatê.

5.º). — Ainda com densidade demográfica grande, porém, de 8 a 6.000 habitantes, veremos os sub-distritos nitidamente residenciais, e caso interessante, aparecendo ao mesmo tempo, tanto os de residências finas (Jardim Paulista, Jardim América e boa parte das Perdizes), como de residências médias e operárias (Ipiranga, Vila Maria, Parí e pequena parte das Perdizes). Já aqui, as áreas principiariam a pesar, particularmente para os casos do Ipiranga, Alto da Mooca e Vila Mariana, todos com mais de 9 kms² e que, apesar de serem de residências operárias, e da classe média, situam-se com densidades inferiores aos Jardins Paulista e América e às Perdizes, onde a maioria das residências se isola uma das outras, com certo predomínio mesmo de palacetes. Naturalmente, o caso do Ipiranga, além dos dois fatores citados, área relativamente grande, e residencial, existiriam outros, como a existência também de fábricas, pátios ferroviários, parques, algumas ruas comerciais, etc.; como no caso do Parí, que, embora com a menor área do grupo — 6,5 kms² — é o penúltimo em densidade, pois o seu grande pátio ferroviário (da Santos-Jundiaí e da Cantareira), aliado aos grandes armazens, além de trechos fabris, explicariam tal fato.

6.º). — Já para o grupo das densidades médias, os sub-distritos retratam bem os bairros nitidamente operários, embora nalguns a penetração da classe média seja um fato (Indianópolis, Lapa, na sua parte alta, Vila Madalena); no caso das densidades médias, aparecem perfeitamente os bairros operários por excelência, que deveriam ser os mais densos, mas que, devido às áreas cada vez maiores, situam-se em posição inferior, ao grupo anterior. Isto aliás irá acontecendo daqui por diante, à medida que formos caminhando para os sub-distritos situados na periferia do Distrito de São Paulo, isto é, para as áreas já consideradas suburbanas. De fato, Tatuapé, Saúde, Vila Prudente e Penha, possuem uma grande parte de suas respectivas áreas em zonas já fora do que poderemos chamar de área urbana verdadeiramente falando; zonas que ainda estão sendo loteadas, e portanto, não ocupadas se não em parte.

7.º). — Finalmente, as enormes áreas do Tucuruví, de Osasco, Butantã, Pirituba e Santo Amaro, apresentam as menores densidades do Distrito Paulistano, pois que, salvo pequenos núcleos urbanizados, no mais, poderiam ser considerados como sub-distritos semi-rurais, desde que, rural propriamente dito, só cabe à Ca-

pela do Socôrro, único trecho do Distrito de São Paulo que de fato representa aquêlê título.

A POPULAÇÃO PAULISTANA SEGUNDO A CÔR E A NACIONALIDADE NUM SÉCULO DE EXISTÊNCIA.

1). — TIPOS DE POPULAÇÃO.

A população de São Paulo, hoje predominantemente branca e brasileira, conforme nos mostram os dados do Censo de 1950 (brancos 87,78% do total, e brasileiros 85,59% do total), sofreu muita variação nesses dois aspectos, entre os anos de 1836 e 1950.

E' assim que, pelos dados colhidos e publicados por Müller no 1.º censo Paulista do século XIX, a população da Capital que então somava 21.933 habitantes, assim se distribuía, segundo a côr:

Branços	9.948	45,35%
Pretos	5.193	23,67%
Mulatos ou Pardos	6.347	28,93%
Índios	445	2,02%

Embora em maioria, os brancos não chegavam à metade do total da população, não indo o seu número além de 45,35%, ao contrário dos *pretos* e *pardos*, que juntos, iam a 52,62%; entretanto, para a época (pleno período de escravidão), aquela percentagem de brancos é bem significativa, desde que lembremos a situação de outras cidades, como o Rio, Salvador, Recife, onde a população branca estava em franca minoria. Dir-se-á que a Província de São Paulo não tivera ainda necessidade de braço escravo, como as zonas açucareiras ou as das minas; mas devemos nos lembrar que, a partir de 1836, e mesmo antes, a Província de São Paulo principiava a crescer, à custa da lavoura cafeeira, também sugadora de braço tanto quanto os dois outros citados tipos de economia. Entretanto, a sua capital, que se desenvolveria após meados do século XIX, não contaria muito com as populações negra e mestiça, para aquêlê crescimento; embora a Província fôsse uma grande importadora de escravos, a cidade de São Paulo, pela sua *posição geográfica*, ficou à margem daquela importação. E a partir de 1870, quando populações de fora principiaram a cooperar para o aumento dos habitantes da São Paulo província, essas populações, ou eram compostas por famílias de fazendeiros, enriquecidos pelo café, e que passaram a residir na capital, ou eram famílias de estrangeiros, imigrantes que então começavam a chegar às terras paulistas; portanto, contingentes que vinham aumentar a percentagem de brancos, em detrimento dos negros e pardos. Em 1872, ainda os pretos e pardos somavam mais de 40% do total de habitantes; mas, já em 1886, êle caíam para 21,54%, dan-

do assim uma maioria absoluta à população branca, que se aproximava dos 80%. Essa ascensão do número de brancos sobre os pretos e mestiços irá se acentuando cada vez mais, com o findar do século XIX, e nos primeiros decênios do século atual, de maneira a chegar em 1940 ao seguinte resultado:

Branco	90,72%
Pretos	4,79%
Pardos	3,40%

Se a imigração estrangeira foi, mais que a mudança dos fazendeiros, a razão básica dessa maioria absoluta de brancos sobre pretos e pardos na nossa cidade, contudo, ela também concorreu, para que um outro tipo de população viesse constituir parte dos habitantes paulistanos; referimo-nos à população amarela que, particularmente representada pelos japoneses, já entravam em 1940, com 1,06% no total de população da cidade.

De 1940 em diante porém, os dados se modificaram com a diminuição da percentagem de brancos, em favor dos pretos e amarelos. Em 1950 temos:

Branco	87,78%
Pretos	7,71%
Pardos	2,52%
Amarelos	1,89%
Não discriminados	0,10%

Por esses dados vemos os pretos aumentarem de 206,93% sobre o número que representavam 10 anos antes, bem como um ligeiro aumento de amarelos enquanto os brancos não chegavam a dobrar. Isso se deve à imigração interna, isto é, à mudança para a nossa cidade, de contingentes cada vez maiores, de famílias pretas e amarelas, vindas do interior do Estado e de outras unidades da Federação, atraídos pela sedutora facilidade de salários maiores, nos vários setores das atividades econômicas.

Quando examinamos o crescimento da população paulistana no século atual, vimos o papel representado pelas migrações internas nos últimos vinte anos. Ora, naqueles contingentes de populações oriundas não somente do interior do Estado, mas também de outros Estados da Federação, os negros passaram a constituir número representativo, conforme os dados nos revelam. Isso porém não afetou a primazia que São Paulo sempre possuiu, com relação às outras capitais brasileiras, no respeitante ao número de população branca; continua ainda nossa Capital a ser a maior cidade branca do Brasil e do mundo tropical, com os seus 1.929.410 representantes, enquanto o Rio, Recife e Salvador ainda têm, respectivamente:

29,80%
50,37%
66,19%

de populações negras e pardas.

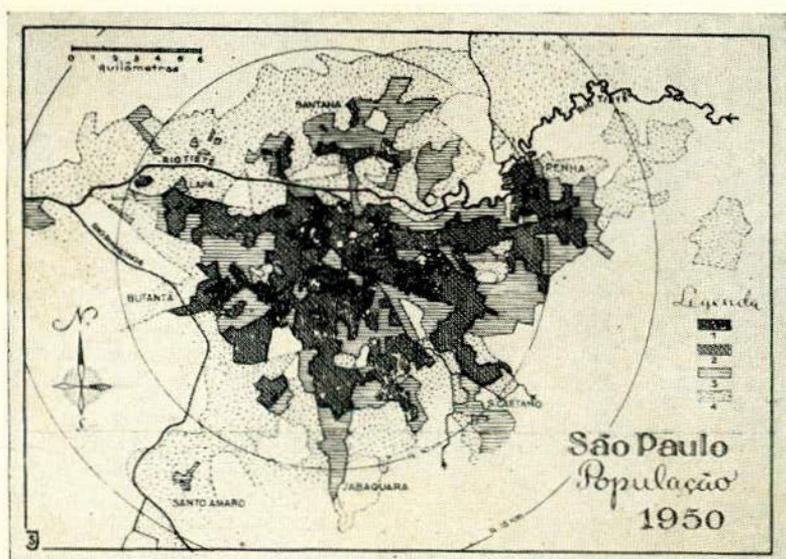
Entretanto, se somarmos os 10,23% de populações negras e pardas de São Paulo, iremos obter — 224.906 pessoas, número que se aproxima da população total da cidade de Belém, e que somente é inferior ao total de habitantes de 7 cidades brasileiras.

Ao contrário do que opinavam os historiadores e sociólogos do princípio do século, e mesmo os de há uns 20 anos atrás, a população negra da cidade de São Paulo, longe de diminuir, aumentou bastante, nos últimos tempos, e se a imigração do interior continuar, as profecias dos que têm estudado a questão, não se realizarão tão cedo.

2). — NACIONALIDADE.

Quanto à nacionalidade, apesar de termos afirmado na introdução do capítulo, ser a nossa Capital uma *Metrópole Cosmopolita*, isto não implica na aceitação da frase tão em voga em outros Estados da Federação, e tão do gosto, às vezes, de certos escritores e estudiosos, menos avisados: “São Paulo é uma cidade de estrangeiros”. Si esta frase representou a verdade nos primeiros anos do século, quando então a nossa capital era uma “cidade italiana”, nos dias atuais já não pode ser mais repetida. Embora ainda exista um número apreciável de estrangeiros na *capital paulista* — 300.480 — eles não mais representam aquelas percentagens superiores a 1/4 da população total, e que eram observadas até há uns 20 anos atrás. De fato, aquêles 300.480 estrangeiros eram apenas 13,66% dos habitantes de São Paulo de 1950. Quando nos lembramos que no ano de 1900, mais da metade da população paulistana era de gente nascida fora do País (pena o censo de então não haver computado a população por nacionalidade); e que mesmo em 1920 os estrangeiros iam a 35,44%, ficamos deveras admirados ao sabermos que em pouco mais de 25 anos, essa massa de estrangeiros se diluiu na população nacional, embora a imigração não houvesse parado de todo. As razões já citadas na primeira parte do capítulo explicam essa diminuição, e concomitantemente, o aumento da percentagem de nacionais.

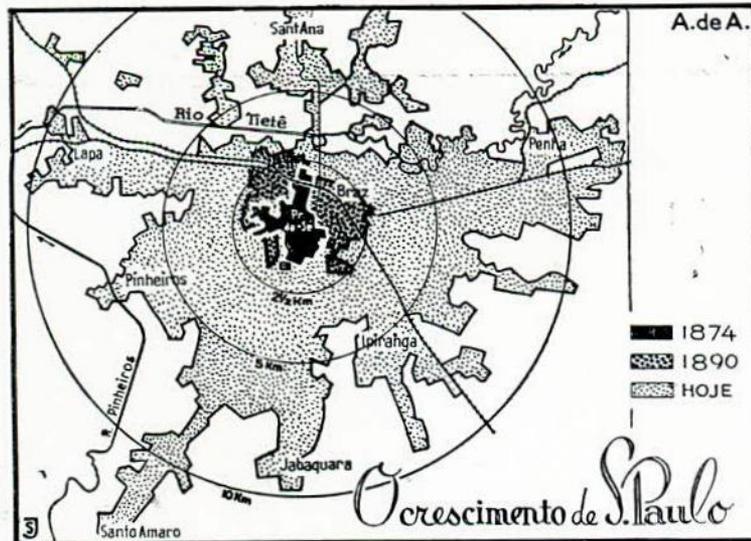
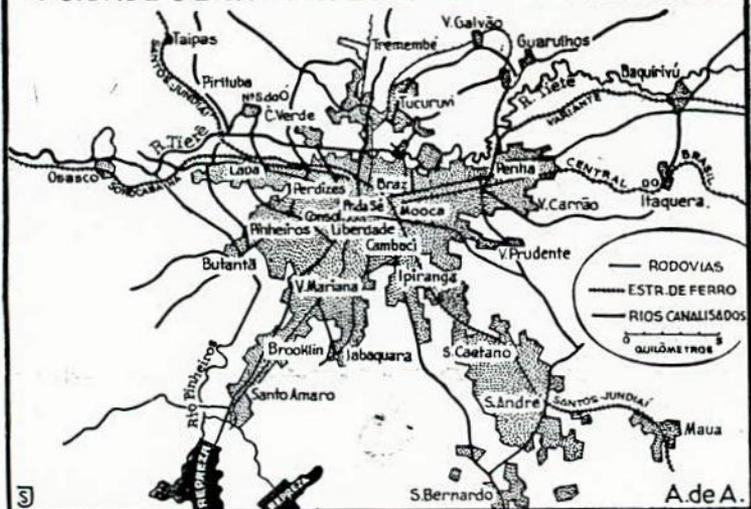
O volume porém, da população estrangeira em nossa Capital, ainda que percentualmente pequeno sobre o total, continua a representar alguma coisa na vida da cidade, dando, à primeira vista, aquela idéia errônea em que muitos têm caído: o de uma cidade de estrangeiros; de fato, para quem observa numa lista telefônica,



Áreas de densidade da população na Cidade de São Paulo. (Baseado no mapa elaborado pela C.M.T.C., no seu departamento de Estudos e Contrôles. Ano de 1950).

A população paulistana ultrapassa o círculo de 15 quilômetros de raio a partir do Largo da Sé, ocupando praticamente toda a área limitada pelo círculo de 10 quilômetros, onde os vazios são mínimos; a densidade no interior do círculo de 5 quilômetros ressalta logo à primeira vista.

A CIDADE DE SÃO PAULO E SEUS SUBÚRBIOS



ou nas listas de alunos dos colégios paulistanos (14), o número de nomes estrangeiros sobressai logo ao de nacionais. Mas, devemos lembrar sempre que, há mais de meio século está a nossa cidade recebendo gente de outros países, e que, a grande maioria daqueles nomes é de brasileiros descendentes das primeiras levas de imigrantes aqui aportados nos idos de 1890 e 1914, quando então, a cidade sofreu a sua maior transformação.

Naqueles 300.430 estrangeiros, sobressaem-se sôbre os demais, pelo seu número, como sempre aconteceu, desde o início da grande imigração os atlanto-mediterrâneos (15), (italianos, portugueses e espanhóis); até 1940 os italianos ocuparam o primeiro lugar, quando então, devido à guerra, particularmente, cederam aquela primazia aos portugueses, que aparecem no censo de 1950, no alto da lista de estrangeiros existentes na Capital Paulista:

Portuguêses	80.998	26,96%
Italianos	66.268	22,06%
Espanhóis	36.599	12,18%
	<hr/>	
	183.865	61,20%

Vemos assim que os atlanto-mediterrâneos entram com 61,20% do total de estrangeiros existentes em São Paulo em 1950. Embora ainda concorrendo com mais da metade dos contingentes estrangeiros existentes na nossa Capital, os latinos porém, pelo censo de 1950, apresentaram uma percentagem bem inferior à cifra de 1920, por exemplo, quando então, entravam na proporção de 88,25% do total. Outro fato interessante é que, naquele ano, os italianos, além de representarem a metade da população atlanto-mediterrânea ainda entravam com 44,60% do total de estrangeiros existentes; agora, em 1950, não só êles vieram a 36,05% nos contingentes latinos, como também, sômente alcançaram 22,06% no total dos estrangeiros.

OS ITALIANOS.

Se, desde fins do século passado, quando o grande surto imigratório entrou em franco desenvolvimento no Estado de São Paulo, os atlanto-mediterrâneos já ocupavam os primeiros lugares, no alto da lista vinham os *italianos*, que conseguiram manter sua posição até há bem pouco tempo. Uma série de fatores, alguns de ordem geral e nossos, como o surto cafeeiro paulista, as facilidades oferecidas aos imigrantes para a viagem transatlântica, o recém-desenvolvimento da capital paulista; outros, de ordem particular,

(14). — Colégio Paulistano, Colégio Dante Aleghieri, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(15). — Araujo (Oscar Egídio), *Latinos e não Latinos*, in "Rev. do Arquivo Municipal".

como o *superpovoamento de certas áreas italianas*, bem como uma grave crise agrícola na Península, em fins do século XIX, explicam porque os italianos, que já se dirigiam em massa para os Estados Unidos e a Argentina, passaram também a vir para o Brasil, em número respeitável. De acôrdo com dados do recenseamento de 1950, dos 300.430 estrangeiros existentes na nossa Capital, 66.268 eram italianos, que representavam assim, 22,06% daquele total, bem como 36,05% das chamadas populações latinas. Embora grande, pois este número de italianos seria equivalente ao total das populações urbanas de cidades como as de Ribeirão Preto, Sorocaba, ele não é mais tão representativo, na população total da cidade de São Paulo, pois não vai além de 3%. Ora, conforme já vimos, houve épocas em que os italianos chegaram a representar mais da metade da população paulistana, nos idos de 1900; e mesmo não há muito tempo (1920) eles representavam 15,80% dos 579.033 habitantes de São Paulo. Esta diminuição da população italiana se explica, não somente pelo rapidíssimo crescimento demográfico da capital paulista, mas também, pela extraordinária facilidade de assimilação étnica apresentada pelos peninsulares; de tôdas as populações estrangeiras, foi a *italiana* que marcou mais fortemente com seus traços *étnico-culturais* a população paulistana, já o vimos, quando abordamos os últimos anos do século XIX, e os primeiros do XX. Mas aquêles traços continuariam até os nossos dias, num perfeito entrosamento com a família paulistana — todos os que tocaram o assunto, são unânicos em afirmar, ao mesmo tempo, tanto a *influência italiana* na paisagem geográfica paulistana, como a rápida assimilação dos filhos da Itália, ao nosso meio. Ernani da Silva Bruno, no seu já citado livro, tomando por base as afirmativas de observadores que por aqui andaram, desde fins de oitocentismo até o primeiro quartel do nosso século (16), mostra o papel representado pelo italiano, nesse segundo período de crescimento da cidade de São Paulo. Compõe então o “peninsular” a maioria, não só de operariado fabril, mas especialmente a grande maioria dos tipos característicos de jornaleiros, engraxates, barbeiros, etc. E se nas ruas centrais da cidade paulistana de antes de 1914, êstes “tipos característicos de italianos” davam uma nota tôda particular, com sua jovialidade e seu linguajar típico, nalguns bairros, como o Brás, o Bom Retiro, ou o Bexiga, sendo o seu domínio absoluto, tinha-se a impressão de estar nalguma cidade da Itália.

O que foi a importância da cooperação dos filhos da Itália para o desenvolvimento da capital paulista, já está bastante explo-

(16). — Silva Bruno (Ernani da), *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, págs. 57-66.

rado em trabalhos os mais diversos, para que o repitamos de novo. Tais e tantos têm sido os escritos sôbre o assunto, demonstrando a importância italiana na vida paulistana dos princípios do século, que nos limitamos a citá-las, através da obra de Ernani da Silva Bruno, que os compendiou exaustivamente.

Em nossos dias porém, se podemos reparar com mais evidência, ruas características como as “25 de Março”, “Conde de Sarzedas”, “José Paulino”, etc., onde existe, respectivamente, um domínio sírio, japonês e judeu, o mesmo já não vemos para os filhos da Itália. Eles, que dominaram em certos bairros, nos princípios do século, hoje, a não ser por seus descendentes, não têm mais aquela representação. E assim, salvo a “rua dos Italianos”, que, à guisa de uma lembrança, aliás muito justa e sugestiva, está a rememorar em suas placas aquela influência do passado, nada mais existe, de característico, que possa se comparar àquêles três exemplos citados (sírio, japonês e judeu), já pelo tempo que vêm entrando em nossa terra, e particularmente, pelas qualidades de ambientação e de assimilação que oferecem, têm-se diluído na população nacional, de tal modo que, a não ser os nomes de famílias, nada quase existe que possa nos dar idéia de que ainda possuímos representantes italianos entre nós. Se milhares dêles conseguiram subir na vida, transformando-se em grandes comerciantes, em capitães de indústrias, em fazendeiros de café, etc., por outro lado a sua contribuição ao progresso da nossa cidade foi incontestável. Aos italianos deve São Paulo grande parte da sua grandeza. A diminuição cada vez maior da imigração italiana na era facista, bem como a sua parada no período da guerra, além da grande facilidade que o italiano tem de assimilação ao nosso meio e à nossa gente (17), explicam em grande parte, a diminuição dos seus contingentes, quer em relação aos estrangeiros em geral, quer particularmente às populações latinas.

OUTROS ESTRANGEIROS.

Voltando ao *número total de estrangeiros*, que, embora representando apenas 13,66% do total da população, superou em 1950 a 300.000, jamais a nossa Capital possuiu um contingente tão grande de gente de fora. O fato é mais digno de nota, se lembrarmos que nos últimos 20 anos foram pequenos os contingentes de imigrantes entrados no Brasil. Não só o regime de “cotas de imigração”, pôsto em prática na Constituição de 1934, como especialmente os 6 anos de guerra, impediram, além do nacionalismo então dominante em países como a Itália, Espanha (onde ainda domina), a entrada de novos contingentes em nossa terra. Esse aumento dos

(17). — Mortara (Giorgio), *Estudos Brasileiros de Demografia*. Monografia n.º 3. Fundação Getúlio Vargas.

contingentes estrangeiros em São Paulo, só é explicável pela migração interna; assim como os nacionais, particularmente os do interior do Estado, têm corrido cada vez em maior escala, para a nossa Capital, também as famílias estrangeiras, até há pouco tempo espalhadas nos municípios do interior, têm seguido o mesmo caminho, motivadas pelas mesmas razões de sempre: *ilusão de melhoria de vida*, com salários maiores, passadio melhor, divertimentos, maior facilidade de emprêgo e de instrução para os filhos, etc. Tudo isso, que à primeira vista é indiscutível, na verdade nada mais é que uma *quimera*; e poucos meses depois de chegados, os *imigrantes interioranos* (estrangeiros ou nacionais), começam a ver a dura realidade. Aquilo, que de longe lhes parecia um paraíso, onde a vida seria outra, que não as misérias do sertão, logo se dissiparia, com todos os percalços que uma cidade grande oferece. Mesmo assim, porém, São Paulo continua a representar *para os adventícios* aquêles mesmo papel que representara no primeiro quartel do século: “a cidade-sonho”, onde todos ganham rios de dinheiro, e onde tudo é fácil e abundante”. Esse poder de atração que a nossa Capital possui, ainda parece maior em nossos dias, pois não só os estrangeiros nela penetram, mas *particularmente os nacionais*, cujos contingentes, deram-lhe este surto *demográfico*, tão bem retratado nos últimos dados estatísticos.

Depois dos atlanto-mediterrâneos que, conforme vimos, concorrem com mais da metade da população estrangeira existente na nossa Capital, vêm os *russos* de várias procedências, *japoneses* e *alemães*, que somados, representam: 17,61% dos estrangeiros aqui existentes em 1950. Ao contrário do grupo latino, esse não possui as mesmas qualidades de assimilação. Mesmo os alemães que, pelo tempo que aqui aportaram (18) e pelo número com que já concorreram em certas épocas (até meados do século XIX eles constituíam a maior colônia da cidade), deveriam estar completamente assimilados, não poderão ser comparados, nesse campo, com os atlanto-mediterrâneos.

Naturalmente quanto *aos japoneses*, os últimos a chegar, não deveríamos esperar muita assimilação à nossa gente; mesmo assim, porém, a sua capacidade de adaptação ao nosso *meio geográfico* é enorme, e ultrapssa de muito ao que as populações de origem germânica, judaica e eslava têm demonstrado.

*

(18). — Os alemães constituem, das levas de estrangeiros (salvo os portugueses) aqui aportados, as primeiras, pois data dos primeiros anos da Independência a chegada dos primeiros contingentes: o caso de Santo Amaro é um exemplo disso.

CONCLUSÃO

Pelo que vimos nos 3 capítulos que compõem o presente trabalho, podemos concluir:

1.º). — Não é exagero a frase tantas vezes repetida entre os paulistas: “São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo”; tais foram os índices de crescimento apresentados pela Capital paulista, a partir de fins do século passado, que poucos serão os centros urbanos que se lhes possam emparelhar (19); nos primeiros cinquenta anos deste século, vimos que a cidade de São Paulo cresceu de quase 10 vezes, pois a sua população de 239.247 habitantes em 1900, passou a ser de 2.198.096 em 1950. Se sua população em 1900, mal atingiu 10% do total do Estado, em 1950 se aproximava dos 25%;

2.º). A — distribuição dos dois milhões e pouco de paulistanos se faz de um modo muito irregular, conforme vimos pelos dados computados e pelos mapas anexos; mas, saltam-nos logo à vista, neste aspecto, a importância que têm para o caso, não somente a enorme superfície por onde se distribui a “área urbana” da cidade (933,9 kms²), como as suas duas principais funções, a comercial e a industrial.

3.º). — Quanto aos seus tipos de população, podemos dizer, sem medo de errar, ser composta a grande maioria dos habitantes de São Paulo de brasileiros e brancos; embora possuindo mais de 200.000 pessoas de cor (pretos, mulatos e amarelos), e 300.000 estrangeiros, sob este último aspecto, ainda que eles representem apenas 13% da população total da cidade, esta nos dá ainda o aspecto de uma “metrópole cosmopolita”, pois não há muito tempo, ela possuía mais da metade da sua população composta de estrangeiros.

JOSE' RIBEIRO DE ARAÚJO FILHO

Assistente da Cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

(19). — Ainda há pouco tempo o jornal paulista “A Fôlha da Manhã”, de 20-9-1953, publicava um quadro comparativo, sob o título: “O crescimento de São Paulo e de outras metrópoles do Mundo”, onde a nossa Capital aparecia em 1.º lugar, com 60,9% de crescimento, nos últimos 10 anos, seguida de Los Angeles com 30%.

TABELA N.º 1

Densidade de População dos Sub-Distritos de São Paulo

	1950	1940	Área (km ²)
1 — Bela Vista	17.560	18.246	2,6
2 — Brás	17.470	18.747	3,9
3 — Liberdade	16.720	16.844	2,6
4 — Santa Ifigênia	15.746	16.622	2,5
5 — Cerqueira César	14.647	12.958	1,8
6 — Santa Cecília	14.542	13.534	2,7
7 — Cambuci	12.441	10.227	3,7
8 — Mooca	12.353	13.065	3,9
9 — Barra Funda	11.877	11.302	2,5
10 — Belenzinho	11.747	11.435	5,4
11 — Aclimação	10.511	6.718	2,8
12 — Bom Retiro	9.600	11.507	2,4
13 — Consolação	9.399	8.647	3,8
14 — Sé	8.620	9.392	1,1
15 — Perdizes	7.910	5.083	8,7
16 — Jardim Paulista	7.465	4.427	7,4
17 — Alto da Mooca	7.051	4.779	9,8
18 — Ipiranga	7.039	3.716	16,3
19 — Jardim América	6.820	4.617	5,6
20 — Pari	6.319	5.806	6,5
21 — Vila Mariana	6.284	4.634	9,3
22 — Casa Verde	5.799	2.190	10,1
23 — Vila Madalena	5.079		6,1
24 — Vila Maria	4.420	1.243	12,3
25 — Tatuapé	3.918	1.565	34,5
26 — Lapa	3.708	1.056	23,6
27 — Indianópolis	3.680	1.383	7,8
28 — Saúde	3.267	1.261	33,0
29 — Vila Prudente	3.167	993	31,7
30 — Penha	2.517	1.349	32,9
31 — Santana	2.367	1.446	38,1
32 — Vila Matilde	1.812	575	21,1
33 — Nossa Senhora do O'	1.453	383	35,1
34 — Tucuruvi	996	379	89,0
35 — Ibirapuera	722	200	37,9
36 — Osasco	682	240	63,6
37 — Butantã	592		56,1
38 — Pirituba	504	173	54,1
39 — Santo Amaro	431	164	93,0
40 — Capela do Socorro	52	63	148,6

Distrito de São Paulo

933,9
km²

TABELA N.º 2

Crescimento da População

	1934	1940	1950
Distrito de São Paulo	1.046.530	1.337.644	2.116.721
1 — Aclimação	12.932	18.809	29.432
2 — Alto da Mooca ...	33.021	46.835	69.107
3 — Barra Funda	23.764	28.254	29.694
4 — Bela Vista	43.861	47.440	45.657
5 — Belenzinho	48.165	61.749	63.435
6 — Bom Retiro	28.449	27.617	23.043
7 — Brás	82.955	80.914	68.138
8 — Butantã	16.272	29.809	33.263
9 — Cambuci	29.183	37.841	46.034
10 — Capela do Socorro		9.494	77.742
11 — Casa Verde	13.452	22.120	58.571
12 — Cerqueira César .	18.734	23.324	26.365
13 — Consolação	30.299	32.858	35.718
14 — Ibirapuera		7.571	27.390
15 — Indianópolis	7.492	10.790	28.710
16 — Ipiranga	40.825	60.563	114.744
17 — Jardim América .	17.531	25.855	38.192
18 — Jardim Paulista .	15.877	32.757	55.245
19 — Lapa	45.378	60.959	87.516
20 — Liberdade	39.726	43.795	43.473
21 — Mooca	45.986	50.953	48.180
22 — N. Senhora do O'	7.866	13.436	51.012
23 — Osasco	12.091	15.258	43.427
24 — Pari	36.675	37.738	41.079
25 — Penha de França	30.716	44.369	82.814
26 — Perdizes	31.573	44.225	68.823
27 — Pirituba	5.467	9.340	27.281
28 — Santana	43.588	55.081	90.198
29 — Santa Cecília	31.096	36.542	39.264
30 — Santa Ifigênia ...	43.623	41.555	39.367
31 — Santo Amaro	26.918	15.248	40.115
32 — Saúde	27.676	41.614	107.827
33 — Sé	11.469	10.331	9.482
34 — Tatuapé	63.253	54.002	135.195
35 — Tucuruvi	24.632	33.761	88.729
36 — Vila Madalena ...			30.983
37 — Vila Maria	5.722	15.288	54.373
38 — Vila Mariana	32.700	43.100	58.442
39 — Vila Matilde	6.119	12.141	38.253
40 — Vila Prudente ...	11.675	29.764	90.408
<hr/>			
Distrito de Guaianases	1.642	2.967	10.413
" " Itaquera	6.220	7.892	15.515
" " Jaraguá			2.625
" " Parelheiros			7.701
" " Perus	3.504	5.985	5.745
" " São Miguel Paulista	2.224	7.700	39.376
<hr/>			
Município de São Paulo	1.060.120	1.337.644	2.198.096
1934 — Cidade de São Paulo ...	98,71%	do total do município	
1940 — Cidade de São Paulo ...	98,16%	do total do município	
1950 — Cidade de São Paulo ...	96,29%	do total do município	

BIBLIOGRAFIA

- "A GAZETA". — *Porque São Paulo é a Cidade que mais cresce no Mundo* (5 de março de 1955).
- ALMEIDA (João Carlos de). — *São Paulo no Brasil; Correntes de Migração Interior*. Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, agosto de 1953.
- ALMEIDA (Vicente Untzer de) e MENDES SOBRINHO (Octavio Teixeira). — *Migração Rural-Urbana*. 143 páginas, publicação da Diretoria de Publicidade Agrícola. Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1951.
- ARAÚJO (Oscar Egídio de). — *Enquistamentos Étnicos*. Revista do Arquivo Municipal, Ano VI, Volume LXV. São Paulo, 1940.
- Idem. — *Latinos e Não Latinos no Município de São Paulo*. Revista do Arquivo Municipal, Ano VII, Volume LXXV. São Paulo, 1941.
- BASTIDE (Roger) e FERNANDES (Florestan). — *Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo*. Unesco-Anhembi, 554 páginas. Editora Anhembi Ltda. São Paulo, 1955.
- BRUNO (Ernani Silva). — *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. 3 Volumes, 1541 páginas. Livraria José Olímpio. Rio de Janeiro, 1953.
- CAMARGO (José Francisco de). — *Crescimento da População no Estado de São Paulo e seus Aspectos Econômicos*. 3 vol. Boletim n.º 153 da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1952.
- COARACY (Vivaldo). — *O Perigo Japonês*. Série de artigos saídos no "Jornal do Comércio", Rio de Janeiro, abril-junho de 1944.
- CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (I.B.G.E.). — *Censo Demográfico de 1950 (Estado de São Paulo, Seleção dos Principais Dados)*. Rio de Janeiro, 1953.
- DENIS (Pierre). — *O Brazil no Seculo XX*. Versão Portuguesa, 408 páginas, Antiga Casa Bertrand — José Bastos & Editores. Lisboa, sem data.
- DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DE SÃO PAULO. — *Estimativas Populacionais do Estado de São Paulo (1951-1954)*. São Paulo, 1954.
- "FÓLHA DA MANHÃ" (20 de setembro de 1953). — *O Crescimento de São Paulo e de Outras Metrôpoles do Mundo*. São Paulo, 1953.
- DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA DO ESTADO. — *Situação Demográfica*. Volume II, 1950. Anuário Estatístico do Estado de São Paulo, 1953.
- GUIMARÃES (Caio de Freitas). — a) *O Crescimento Demográfico do Município de São Paulo*; b) *Mortalidade Infantil no Município de São Paulo*, in "Boletim do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo", Ano XIV, 2a. fase — Boletim Especial n.º 1, 1952.
- I.B.G.E. — *Pesquisas sobre os diversos grupos de cor nas populações do Estado de São Paulo e do Distrito Federal*. Publicação n.º 12 da Série Estatística Demográfica, Rio de Janeiro, 1951.
- LINGUANOTTO (Daniel). — *Os Nisei entre Dois Mundos*. Revista Manchette, 21-8-1954. Rio de Janeiro, 1954.

- MONBEIG (Pierre). — *La Croissance de La Ville de São Paulo*. 90 páginas, Institut et Revue de Géographie Alpine, Grenoble, 1953.
- MORTARA (Giorgio). — *Estudos Brasileiros de Demografia*. 228 páginas, Monografia n.º 3, Ano I, Volume I, da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, julho de 1947.
- MULLER (Daniel Pedro). — *Ensaio d'un Quadro Estatístico da Província de São Paulo*. Tipografia Costa Silveira. São Paulo, 1938.
- PAULA (Eurípedes Simões de). — *Contribuição Monográfica para o Estudo da Segunda Fundação de São Paulo*. 14 páginas. São Paulo, 1936. Recastampado nesta *Revista de História*, n.º 17 (1954), págs. 167-179.
- PINTO (Alfredo Moreira). — *A Cidade de São Paulo em 1900. Impressões de Viagem*.
- PRADO JÚNIOR (Caio). — *O Fator Geográfico na Formação e no Desenvolvimento da Cidade de São Paulo*. Revista "Geografia", Ano I, n.º 3 — Associação dos Geógrafos Brasileiros. São Paulo, 1935.
- Idem. — *Evolução Política do Brasil e Outros Estados*, 271 páginas, Editora Brasiliense Ltda. São Paulo, 1953.